

Temporada 2023/2024 – Um Chão Comum

Teatro

Grande Auditório

Sex, 21h00

Sáb, 19h00

M/16

Espectáculo legendado em português

Duração aprox. 1h55

5 e 6
abr 2024



Alexander Zeldin

The Confessions

The Confessions - Jerry Killick, Joe Bannister Christophe Raynaud de Lage

CCB

The Confessions

Intérpretes **Amelda Brown, Jerry Killick, Lilit Lesser, Brian Lipson, Hannah Morrish, Pamela Rabe, Gabrielle Scawthorn, Jacob Warner, Yasser Zadeh**

Encenação **Alexander Zeldin**

Cenografia e figurinos **Marg Horwell**

Coreografia e direção de movimento **Imogen Knight**

Desenho de luz **Paule Constable**

Música **Yannis Philippakis**

Desenho de som **Josh Anio Grigg**

Direção de *casting* **Jacob Sparrow**

Dramaturgia **Faye Merralls, Sasha Milavic Davies**

Apoio à encenação **Joanna Pidcock**

Coordenadora da Intimacy **Kat Hardman** para a **EK Intimacy**

Direção de voz **Cathleen McCarron**

Professores de dialeto **Jenny Kent, Louise Jones**

Produção **Compagnie A Zeldin / A Zeldin Company**

Encomenda por **National Theatre of Great Britain, RISING Melbourne,**

Les Théâtres de la Ville de Luxembourg

Coprodução **Centro Cultural de Belém, Wiener Festwochen, Comédie de Genève, Odéon-Théâtre de l'Europe, Théâtre de Liège, Festival d'Avignon, Festival d'Automne à Paris, Athens Epidaurus Festival, Piccolo Teatro di Milano - Teatro d'Europa, Adelaide Festival, Centre Dramatique National de Normandie-Rouen**

Alexander Zeldin é Artista Associado do National Theatre of Great Britain, Odéon-Théâtre de l'Europe, Les Théâtres de la Ville de Luxembourg, CDN de Normandie-Rouen

Apoio

A Zeldin Company é apoiada pela **The Astra Foundation**

A Compagnie A Zeldin é apoiada pela **Direction régionale des affaires culturelles Île-de-France**

Patronos de produção **Nancy e Michael Timmers, Cas Donald, Elisabeth de Kergorlay, Mazdak Rassi e Zanna Roberts Rassi, Andrew e Raquel Segal, Victoria Reese e Greg Kennedy, Studio Indigo Architects & Interior Designers**

Uma conversa com Alexander Zeldin

Qual foi o seu ponto de partida para *The Confessions*?

Entrevistei a minha mãe e conversámos durante vários dias. A vida dela é a base da história que escrevi, embora eu tenha escrito uma obra de ficção... Mas a base é que não é uma vida ficcional: é uma vida real! Uma vida que, espero, também conte algo sobre outras vidas, pois é extremamente específica e, espero, universal. É a história de uma mulher nascida numa família simples numa aldeia australiana que quer aprender, descobrir o mundo, mas que, no tempo e no lugar em que se encontra, não dispõe das ferramentas adequadas e tem de ir à procura delas. Ela é uma pessoa que sofre as armadilhas e as violências do seu tempo e que procura ultrapassar da maneira que pode essa violência que lhe é cometida. Ela tem de encontrar uma forma de superar isso, de se tornar quem deseja ser. Haverá muitos obstáculos ao longo do caminho: um casamento aos 18 anos, o que ela suspeita ter sido uma tentativa de assassinato, o movimento de libertação das mulheres na década de 1970, o espectro da Segunda Guerra Mundial. Há também a história do meu pai, um judeu nascido em 1930. A ambição é fazer com que as pessoas sintam o tempo e como a vida das pessoas move o tempo. Influenciou-me muito o trabalho sobre a individualidade, a paternidade e a vida doméstica da autora britânica Rachel Cusk, porque a sua forma de descrever o mundo hoje é, na minha opinião, nada menos que a criação de uma nova linguagem. Também penso em Annie Ernaux e Simone de Beauvoir, que era a escritora favorita da minha mãe, bem como em Karl Ove Knausgård e Eugene O'Neill. Espero criar momentos no palco que deem uma sensação de vida vivida de novo, que o teatro nos possa dar um novo acesso às nossas vidas, através do estar com outra pessoa. Como se o teatro nos permitisse vivenciar a vida de uma forma mais física, concreta, atravessar a neblina do mundo, da distração, até ao que é realmente importante.

The Confessions é uma celebração simples de uma vida comum, e isso tem peso e importância, acho. Uma questão que está muito próxima do meu coração é a do devir: como se tornar quem se quer ser. A história de uma pessoa que tenta ser ela mesma apesar das circunstâncias sociais. Estas questões surgem frequentemente nas minhas peças, como por exemplo em *LOVE* (2016). Existem elementos que ligam esta nova peça aos meus projetos anteriores, porque, em última análise,

a Alice experimenta a violência social nas suas veias, ela sente o peso do mundo e os seus constrangimentos e luta contra eles. A grande questão é: «Como honrar uma vida?». Esta é uma função importante do teatro: fazer com que as pessoas sintam a riqueza e dignidade da vida. Dignidade é uma palavra essencial para mim quando penso em teatro.

Pode descrever o seu método de trabalho e como surgem as suas criações?

Como é que fazes o teatro existir no mundo? Para que exista, não começo no teatro, pois muitas vezes parece vazio e autorreflexivo, mas tento encontrar o teatro na vida. Tenho em mente a forma como os gregos antigos definiam o teatro; o teatro permite-nos ver o mundo, é o «lugar para ver» (*theatron*). [O espetáculo] *LOVE*, por exemplo, passa-se num abrigo temporário e é uma peça sobre o amor, vista de um ponto de vista mais social. Passei um ano a trabalhar em habitação social, com famílias que eram despejadas ou realojadas em locais precários. Sinto sempre a necessidade de mergulhar na realidade para fazer o meu trabalho. Com *The Confessions* essa imersão é diferente, uma vez que é a história de pessoas que me são próximas. Mas, apesar de tudo, é uma imersão. Parte do processo consistiu em conhecer mulheres na Austrália que agora são idosas, que viveram estes tempos, e explorar com elas o ato de memória e a ideia de uma história de vida. Como é então possível ligar o teatro ao mundo? Durante muito tempo fui assistente de encenação de Peter Brook e Marie-Hélène Estienne. O Peter falou comigo sobre intuição sem forma. E penso que esta intuição é muitas vezes o meu ponto de partida. *The Confessions* é esse desejo de uma investigação emocional, a partir de uma história de vida.

E como é que isso se traduz no palco?

A peça, espero, vai-nos permitir contemplar uma vida. Do início ao fim da vida adulta, com alguns momentos da infância. No palco: nove intérpretes de diferentes idades e identidades. Como sempre, o texto e a dramaturgia mudam quando confrontados pelo elenco. As suas relações com o mundo e as suas experiências às vezes até ecoam na vida que está a ser contada [na peça], mas na verdade a questão é como podemos interpretar com verdade algo que nos comove. As cenas dos 80 anos da sua vida são colocadas lado a lado, um

pouco como os frescos gigantescos de Giotto, que foram uma grande inspiração. Antes de tudo, sou um contador de histórias. Gosto de contar histórias que falem diretamente às pessoas, sem embelezamentos, sem intermediários, para alertá-las e cativá-las. É sempre uma história sobre a realidade. Espero!

Um retrato do destino, por assim dizer?

O que é um retrato de um ser humano atualmente? O retrato é uma grande tradição literária que pode ser reinventada. Então, sim, parece-me que esta peça é uma forma de retrato, baseada nas experiências de uma vida e, de certa forma, no destino. E o destino é interessante porque também questiona o que carregamos dentro de nós: a história familiar, mas também as histórias sociais, os traumas e as mágoas transmitidas de geração em geração. Somos também a nossa história coletiva. Gostava de mostrar isso em palco. Atualmente, contar a história de um ser humano é muito mais fraturado, ou digamos fragmentado, do que na era clássica. A memória é questionada nesta peça: O que é que guardamos? O que é que expomos sobre nós mesmos ao narrar episódios dispersos das nossas vidas, consciente e inconscientemente?

Pode falar um pouco sobre o seu gesto artístico, que combina investigação social, escrita sobre a realidade e a sinceridade, e o trabalho com os seus colaboradores?

Tive o primeiro contacto com o teatro ainda adolescente, numa época em que achava que o mundo era um pouco falso. Encontrei a sinceridade que precisava. Na altura, um amigo próximo tocava numa banda de rock. E, 20 anos depois, o Yannis Philippakis e eu juntámo-nos para criar *The Confessions*. Ele agora é o vocalista dos Foals. Ofereci-me para colaborar, entreguei-lhe o texto e certifiquei-me de que ele tinha bastante liberdade artística. E depois, simplesmente, trabalhámos juntos durante os ensaios. É também assim que trabalho com os meus atores e atrizes, numa espécie de colaboração onde lhes dou orientações simples. As personagens são criadas com eles, para eles. Depois da trilogia *The Inequalities*, quis avançar com outra forma, ao introduzir um trabalho sobre o som. A música desempenha um papel importante no meu teatro e o reencontro com o Yannis parecia óbvio. Sigo o mesmo processo de trabalho com os intérpretes, no que diz

respeito ao ritmo, ao rigor e à procura da honestidade, a procura incessante daquilo que é indescritível, apenas podemos dar o nosso melhor. É um espaço e um tempo que nos coloca frente a frente connosco e com o que muitas vezes permanece oculto e invisível em nós. É isto que tento criar através do teatro: estas coisas pequenas, misteriosas e essenciais que sentimos na vida, quero que as vejamos juntos.

A entrevista foi conduzida por MOÏRA DALANT e publicada originalmente pelo Wiener Festwochen a propósito da estreia mundial de *The Confessions* entre 14 e 17 de junho de 2023.



Alexander Zeldin

Escritor, encenador e realizador de cinema.

Alexander trabalhou na Coreia do Sul, no Médio Oriente e na Rússia, bem como em Nápoles, antes de, entre 2011 e 2014, desenvolver os seus próprios trabalhos como professor na East 15 Acting School. Nesta altura, também trabalhou como assistente de encenação de Peter Brook e Marie-Helene Estienne.

A sua peça aclamada pela crítica, *Beyond Caring*, estreou-se mundialmente no Yard Theatre em Hackney em 2014, antes de ser apresentada no Temporary Theatre no National Theatre em 2015. *Beyond Caring* fez uma digressão pelo Reino Unido e uma nova produção nos EUA, recriada por Alexander e produzida pela Lookingglass Theatre em conjunto com a companhia Dark Harbor Stories de David Schwimmer. Esta nova produção estreou-se em Chicago em abril de 2017.

Em 2015, Alexander recebeu o Quercus Trust Award e foi nomeado diretor adjunto do Birmingham Repertory Theatre.

A peça *LOVE* estreou-se no National Theatre em dezembro de 2016, antes de ser apresentada no Birmingham Rep. Em 2018, *LOVE* foi apresentada no Festival D'Automne do Odéon-Théâtre de l'Europe e, no mesmo ano, foi adaptada a um filme da BBC e da Cuba Pictures.

Em 2017, foi nomeado Artista Residente do National Theatre e, em 2018, foi o vencedor da Bolsa de Literatura do 25.º aniversário da Arts Foundation.

Faith, Hope and Charity, a terceira e última parte da trilogia *The Inequalities*, foi amplamente aclamada no National Theatre em 2019, onde agora é diretor adjunto. É também diretor adjunto do Odéon-Théâtre de l'Europe, em Paris, e do Centre Dramatique National de Normandie-Rouen.

Em 2020, Alexander formou a A Zeldin Company para realizar digressões e produzir os seus trabalhos. *Faith, Hope and Charity* foi apresentado em Paris com o Odéon-Théâtre de l'Europe e no Wiener Festwochen em junho de 2021. No mesmo ano, o Odéon-Théâtre de l'Europe produziu uma digressão europeia de *LOVE* em coprodução com a A Zeldin Company. *Une Mort Dans La Famille*, a sua primeira produção em língua francesa, estreou-se nos Ateliers Berthier do Odéon-Théâtre de l'Europe em fevereiro de 2022 e andou em digressão em 2023. Foi inaugurada uma versão alemã de *Beyond Caring*, encenada por Alexander, no Schaubühne, em Berlim, em abril de 2022.

The Confessions é o seu mais recente espetáculo e estreou-se mundialmente no Wiener Festwochen entre 14 e 17 de junho de 2023.

JÁ A SEGUIR
3 E 4 MAIO 2024

Fado Alexandrino

de **António Lobo Antunes**

Encenação e dramaturgia **Nuno Cardoso**

«Estou em Lisboa e em Moçambique, vejo ao mesmo tempo os jardinzitos gotosos e as palhotas devastadas pelas metralhadoras.» Em *Fado Alexandrino*, António Lobo Antunes mergulha-nos num tempo compósito, acionado pelo movimento da rememoração. Cinco personagens, militares que regressaram da guerra em África dez anos antes, juntam-se num jantar, um encontro de reflexões sobre um fim e o seu luto, uma espécie de Última Ceia. Nuno Cardoso leva à cena aquele que é considerado o grande romance sobre o 25 de Abril, na celebração do seu cinquentenário. O palco devém um imenso mural, que confere matéria, pela presença e contracena dos atores, pelo trabalho dos criativos, às vivências das personagens em quatro tempos que se interpenetram: o Estado Novo, a memória da guerra colonial em Moçambique, a Revolução dos Cravos, o pós-Revolução. *Mise en abyme* da História do Portugal recente, *Fado Alexandrino* é uma alegoria sobre o fado de ser português.

Sexta, 21h00

Sábado, 19h00

Grande Auditório

M/16

Produção Teatro Nacional São João

Coprodução Centro Cultural de Belém, Theatro Circo,

Teatro Aveirense, Théâtre National du Luxembourg



APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA PARA
A TEMPORADA 2023/2024



APOIO MEDIA



COFINANCIADO POR

